



COMÉRCIO TRADICIONAL

Vítor

Nogueira

Averno, 2008,

48 págs., €10

POESIA De

um poeta que

merece muita atenção, um livro

programático.



OS TÍTULOS dos livros de Vítor Nogueira são sempre desconcertantes, estranhos a qualquer evocação poética: "Senhor Gouveia", em 2006 (Averno), "Bagagem de Mão", em 2007 (& etc) e, recentemente publicado, "Comércio Tradicional" (Averno). Nestes títulos, co-

meça um programa: o de uma poesia virada para o mundo pragmático e quotidiano. E eis, assim, neste livro, um conjunto de cerca de 40 poemas, todos eles "sediados" num estabelecimento comercial de uma pequena cidade de província. É difícil imaginar que um programa aparentemente tão raso produza resultados tão elevados. É como se o poeta se instalasse em sucessivos observatórios para lançar um olhar empírico sobre o mundo. Este empirismo que julgamos geralmente avesso à poesia é, aqui, o que a motiva exclusivamente. A dimensão sociológica não está completamente ausente, mas isso é o que menos importa, porque os poemas superam-na com grande perícia. Não apenas o sociológico, também o anedótico é o que poderia ser matéria de crónica habitam estes poemas, mas no final eles estão sempre num nível superior a tudo isso e mostram uma capacidade de abertura espantosa, tendo em conta os constrangimentos a que estão submetidos. Uma epígrafe de Cesário Verde, na abertura, faz-nos perceber em que tradição se inscreve esta poesia: a da observação realista de uma vida urbana. Só que, na poesia de Vítor Nogueira, não há o *spleen*, há o sentimento de decadência, de extinção, de perda. Eis

as duas primeiras estrofes do poema 'Cervejaria': "É aqui que os sonhos vêm morrer. Ao balcão,/ ele e o copo, apenas os dois contra o mundo./ Temos de admitir que por vezes/ conhecer uma pessoa é desumano.// De certeza que era só uma sombra, mas parece/ genuinamente assustado. Diz que tem multas/ para pagar e não quer nada com a polícia./ Em tempo de dúvidas, dorme com as botas calçadas." Podemos admirar nesta poesia o modo como penetra o mundo dos objectos e acede ao que mais resistência oferece à palavra poética: o quotidiano, o mistério que o habita. Esta escrita talvez não fosse possível sem o cinema, sem a aprendizagem das técnicas de montagem. **A.G.**